

ENTREVISTA

SEM AMOR, LIVIA DE PAULA

NO-LOVE, LIVIA DE PAULA

SIN AMOR, LIVIA DE PAULA

JOJO CAMPOS



Figura 1 - Foto do acervo pessoal de Livia de Paula

O roxo, o branco, o preto e a escala cinza constroem bandeiras lindas representando o espectro da assexualidade em suas diversas letrinhas. Não podemos deixar de citar essa diversidade cinza porque ela é tão “colorida” quanto as demais sexualidades e identidades, só que de um jeito mais pessoal, introspectivo e até mesmo de experiências de vidas, cada uma do seu estilo único. Por isso, a entrevista de hoje foi feita com uma linda estudante AroAce¹, que vive rondando pelos corredores da FFLCH-USP² com um dicionário de língua coreana e alguns penteados bem expressivos e muito bem cuidados. Livia de Paula, uma amiga, uma ativista, uma jovem mulher negra cheia de sonhos e objetivos muito bem divididos entre seus planos de carreira e suas fanfics no *Wattpad*. Ela aceitou receber a Revista África e Africanidade em seu mundinho cinza e compartilhar um pouco da sua história de vida conosco.

Jojo Campos: *Para darmos início à nossa entrevista, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua história de vida, em especial, a sua adolescência. Como foi passar por essa experiência de ver outras pessoas da sua idade se apaixonando, sofrendo por amor, tendo o primeiro término e virando a página?*

Livia de Paula: Foi bem comum, na verdade. Por ser AroAce desde antes de compreender o termo, eu mal pensava nisso. Sou completamente apaixonada por literatura e cinema desde que me entendo por gente, e sempre achei muito mais interessante acompanhar a vida amorosa de terceiros,

¹ Assexual Arromântico

² Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

fictícios ou não (mas principalmente fictícios!) do que a minha própria. Na verdade, admito que, na época, achava uma baboseira essa fase de paquera adolescente. Nunca tive muita paciência pra essa história de sofrer por amor, suspirar por amor, ficar boba por amor... Na vida real, claro!

Jojo Campos: *Você, enquanto AroAce, já sentiu que, alguma vez na sua vida, o amor foi conceituado de forma equivocada nos livros e nos filmes de romance? O que é o amor para você? Você se sente amada de alguma forma?*

Lívia de Paula: Por consumir bastante conteúdo relacionado ao amor, sinto falta de representações fora do padrão de amor-normativo (não apenas o *hétero* como também o *homo*). Sei que pode ser complicado explorar outras formas de amor para além do “casal que se apaixona e tem um relacionamento romântico sexualmente ativo”, mas outras formas de amor e de amar existem, e merecem ser igualmente abordadas. O amor não se resume apenas a atração física, e o ato de demonstrar amor através do contato físico também não é o único. Acredito que esse seja talvez não um equívoco em si, mas a bolha de limitação que a indústria do entretenimento precisa atravessar para sair dessa zona de conforto e atingir as outras esferas do romantismo. Porque o amor é singular, e por isso é tão bonito. E além de singular, é amorfo e plural (já respondendo à segunda pergunta). Não sei se consigo expressar mais que isso usando palavras... A sensação de contemplar uma manhã fresca de primavera, quando o orvalho ainda não evaporou das plantas. Sentir o sol de um fim de tarde na pele. Escutar sua música favorita. Conversar por horas a fio com alguém que você tem afinidade ou reler aquele livro que você gosta vezes a fio só porque você quer sentir novamente as emoções causadas pelas palavras. O sentimento evocado por cada uma dessas situações pode ser equiparado ao amor, e acho que pra mim amor é isso. O sentimento de plenitude que impera, mesmo com o caos do mundo ao redor. E sim, eu me sinto amada em várias esferas (família, incluindo minhas filhas felinas, amizades); menos na esfera romântica (e está tudo bem).

Jojo Campos: *Você já foi chamada de insensível e sem coração por ser AroAce? Como foi lidar com essa pressão para ter alguém especial na sua vida? Você já sofreu críticas até mesmo de outras pessoas LGBTQI+?*

Lívia de Paula: “Você é jovem demais ainda, tem a vida toda pela frente”. “É que você ainda não conheceu alguém especial!”. “Mas nunca nem sentiu atração por alguém?”. Frases desse tipo eu já ouvi a torto e a direito, inclusive de pessoas LGBTQI+ sim. Já ouvi que eu tenho o coração de pedra, também, e toda a sorte de comparações relacionando o fato de eu não ter uma vida romântica e/ou sexual ativa com ser uma pessoa insensível. Como eu disse antes, o amor-normativo se torna parâmetro para muitas coisas, inclusive quanto ao aspecto do seu coração ou do seu nível de sensibilidade. Que eles não me vejam lendo ou assistindo qualquer clichê água-com-açúcar! Se meu

coração é de pedra eu não sei, mas se existirem pedras moles que se derramam em lágrimas por qualquer coisa, me avisem! Quanto à pressão externa, nunca me importei e continuo assim. Sou uma pessoa muito pouco influenciada pelas opiniões alheias. Não me considero uma AroAce estrita (inclusive me encaixo no espectro demissexual e demirromântico); se for pra rolar algo algum dia, que role, mas não é como se eu estivesse procurando, muito menos sentindo necessidade disso. Claro que, no início, eu me sentia constantemente ansiosa porque eu pensava “Por que eu me sinto tão desconfortável quando alguém demonstra interesse em mim? Por que eu não consigo me interessar por alguém?” e eu mesma me pressionava, pois como eu disse, amo romance, então por qual motivo eu não consigo me abrir para um? A resposta pode ser respondida com outra pergunta. “Amo filmes de ação, então porque não consigo puxar briga na rua e trocar tiros com os meus inimigos?”. Não faz sentido, certo? Pois é.

Jojo Campos: *Sobre a sua vida acadêmica, você estuda Letras – Português/Coreano na USP. Como foi o ingresso na universidade? O ambiente é mais seguro para ser AroAce abertamente? Há outras pessoas assumidamente assexuais aromânticas com quem você convive, estuda, almoça e conversa?*

Lívia de Paula: Vestibular no Brasil é sempre complicado pra quem não nasceu em berço de ouro e estudou com lápis de prata. Não posso dizer que frequento as conhecidas festas universitárias, mas pelo que posso perceber no cotidiano básico de aulas e eventos, a Universidade de São Paulo se mostrou um ambiente significativamente respeitoso com a comunidade LGBTQIAP+ num geral. Claro que a parte cinzenta da bandeira é muito pouco (repeito, muito pouco) abordada, então se torna muito difícil afirmar se essa comunidade em específico é de fato respeitada no meio universitário. Assim como em outros nichos da sociedade, né? Até pouquíssimo tempo atrás, o termo usado para pessoas que não tinham essa necessidade de se relacionar romanticamente e/ou sexualmente eram todas colocadas no nicho estritamente assexual da coisa (isso quando não usados termos e expressões pejorativas como frigidez, prepotência ou “não querer sair do armário”). Hoje, felizmente, temos os *espectros assexuais*; demissexualidade, demirromanticidade, assexualidade, aromanticidade, a própria assexualidade e aromânticidade e mais uma gama de outros espectros, cada um com sua particularidade e validação. Conheço pouquíssimas pessoas que fazem parte de algum desses espectros, e boa parte delas não fazem parte do meu convívio cotidiano para além da internet. Inclusive esse é um lado muito bom das redes sociais; encontrar pessoas que semelhantes a nós (isto é, tanto quanto possível).

Jojo Campos: *Como mulher negra, você já sentiu sua identidade AroAce sendo apagada por causa da hipersexualização do seu corpo? Algum cara já te olhou e te achou “fácil”?*

Lívia de Paula: Relativo ao fato de ser AroAce ou não, eu sempre fui uma pessoa muito reservada. Vivo no mundo da lua. Tem que ser algo muito escancarado pra eu perceber uma tentativa de flerte ou assédio. Pelo contrário, esse traço da minha “personalidade” sempre me rendeu o título de “difícil”, então nunca passei de fato por uma situação do tipo. Mas infelizmente conheço quem passou e passa. O corpo da mulher, principalmente da mulher negra, foi condicionado a ser hipersexualizado por diversos fatores, tanto históricos quanto sociais (que acabam se transformando em fatores culturais). Amigas negras, de várias tonalidades de pele, já relataram situações em que passaram a ser objetos de fetiche, e esse é um problema muito triste e sério (mais um deles) que a sociedade precisa se mobilizar para extinguir. E não é só aqui no Brasil não! Lá fora, principalmente em países com maioria caucasiana, enxergam a mulher negra como um exotismo sexual. É uma realidade pouco discutida, mas intensamente recorrente.

Jojo Campos: *Sua vida amorosa já experimentou alguma coisa? Ou não existe vida amorosa no seu livro?*

Lívia de Paula: Olha, “alguma coisa” teve sim. Uma única vez. Algo passageiro, que deixou o mesmo sentimento bom de quando recebemos a visita de um beija-flor na varanda. Só não sei dizer se sou o beija-flor ou a varanda!

Jojo Campos: *Você espera construir a vida ao lado de alguma outra pessoa AroAce ou ficar com alguém que não te pressione a nada? Isso é uma possibilidade em aberto ou nem se passa pelos seus desejos?*

Lívia de Paula: Sou adepta do ditado “nunca diga nunca”. Claro, encontrar alguém com quem eu queira dividir a minha vida de forma romântica é sim uma possibilidade. Mas não posso dizer que procuro, que espero, que anseio. É algo que, se acontecer, muito bem! Mas se não, eu estaria mentindo se dissesse que faria falta.

Jojo Campos: *O que você tem a dizer sobre as outras letrinhas do guarda-chuva Aro e Ace?*

Lívia de Paula: Que todas são absolutamente válidas. Sei que somos frequentemente esquecidas no meio de tanto arco-íris, mas no final das contas, nós estamos tão presentes nessa grande paleta de cores quanto qualquer outra. O “A” na sigla existe por um motivo, certo?

Jojo Campos: *Estamos chegando ao fim da nossa entrevista. Eu gostaria de pedir para você indicar um livro, um filme, uma música e a sua comida favorita.*

Lívia de Paula: Já que estamos falando sobre o tema, deixo aqui “Sem Amor” de Alice Oseman (autora de Heartstopper) como indicação

literária. Quanto ao restante, vou ficar devendo relacionados ao assunto (como eu disse, a representatividade é tão escassa que dificilmente algo do tipo cai de paraquedas na minha televisão e fones de ouvido). Mas vou deixar “O Hobbit: Uma jornada inesperada” como filme e “Safe and Sound (Capital Cities)” como música, simplesmente porque são algumas das minhas coisas preferidas na vida. Agora comida... Não dispenso um bom rodízio japonês!

Considerações da Entrevistadora

A representatividade negra AroAce é muito importante para a construção de um espaço mais diversificado, onde o amor é livre e o viver sem amor também é. Às vezes, erramos ao acreditar que a diversidade fala apenas sobre a liberdade de amar a quem você quiser, pois ela também fala sobre pessoas que não querem amar ninguém, que não se sentem necessitadas de viver um grande amor, mas que, em alguma circunstância, pode ser algo possível (ou não). Com isso, Lívia de Paula nos ensina uma grande lição sobre o respeito às diferenças e o amor em forma de outras representações para além do espectro romântico. Amar também é sobre admirar, manter por perto, sentir a presença, guardar uma lembrança e viver momentos únicos (que não envolvam necessariamente uma troca de beijos e abraços). E isso é algo que todos nós precisamos levar em consideração antes de dizer que alguém vive sem amor. O amor não é algo restrito e não se mantém preso às relações românticas. É possível ser AroAce e ser uma pessoa amorosa e muito amada, como a Lívia de Paula, eu e muitos outros espalhados pelos cantos da internet.

Entrevistadora: *Jojo Campos*, mulher trans, negra, AroAce, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo e bolsista da Rede Movimentos Docentes e do Projeto TRANS-formação. É escritora, colunista e conselheira editorial da Revista África e Africanidades

Entrevistada: *Lívia Ferreira de Paula*, mulher negra, AroAce, estudante de Letras – Português/Coreano pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, coordenadora executiva da Juventude em Rede do estado de São Paulo, conselheira no Conselho Municipal da Juventude de Francisco Morato, escritora, fanfiqueira e mãe de pet.